

# A EMANCIPAÇÃO FEMININA NA OBRA DE LYGIA BOJUNGA

Andreia Bezerra de Lima  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

## **Introdução**

O presente artigo pretende analisar as obras *A bolsa Amarela* (1976) e *Corda Bamba* (1979) e mostrar como a autora Lygia Bojunga Nunes quebra os estereótipos formados em torno da mulher e a posição que esta ocupa na sociedade. Para Nely Novaes Coelho (2006) Bojunga é uma das vozes mais ricas da literatura que se pretende questionadora de mundo, em cada livro a autora focaliza um problema específico da existência humana, através das relações fundamentais que estabelecem entre o eu e o outro.

Neste trabalho, vamos nos ater as obras supracitadas a fim de estudar o comportamento das personagens Raquel e Maria, elas são aprisionadas em mundos dos quais não se adéquam, mesmo que as atribuições dadas a elas estejam em conformidade com a sociedade, uma vez que são meninas, crianças e devem seguir as normas vigentes da família e do lugar social a que pertencem. Considerando que a Literatura pode transformar os sujeitos, a discussão aqui proposta também visa refletir como a inserção dessas leituras em sala de aula pode contribuir para a formação e transformação do leitor. Como arcabouço teórico, utilizamos Zilberman e Lajolo (1999); Zilberman (2003); Hall (2006); dentre outros.

## **A Bolsa Amarela: refúgio para as vontades reprimidas**

De narrativa simples, escrito em primeira pessoa, a obra representa o mundo infantil, foi merecedora do Selo de Ouro – O Melhor para a Criança de 1976 pela FNLIJ e do Prêmio Internacional Hans Christian Andersen<sup>1</sup>, em 1982, além de traduções para o francês, o espanhol e publicação em Portugal.

A personagem do livro em questão, Raquel, tem dez anos, mora com os pais e três irmãos bem mais velhos que ela. Possui três vontades: a de ser menino, crescer e ser

---

<sup>1</sup> Informações retiradas do livro *A Bolsa Amarela*, coleção Literatura em Minha casa.

escritora. Porém, ela não recebe o apoio da família em seus atos, principalmente no que concerne ao desejo de ser escritora.

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenina, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não aguento mais o meu. Vontade assim todo mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras – as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida – ah, essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum (BOJUNGA, 2002, P. 7).

Podemos ver na fala de Raquel a denúncia de sua situação social, e dos desejos infantis de qualquer criança, no entanto não é a condição financeira inferior, o fato de não ter um sapato ou não puder tomar sorvete que a aflige e sim a sua situação dentro da família, o fato de não ter voz por ser criança e mulher. Percebemos que ela não tem apoio, pois precisa esconder os seus desejos, tais anseios a angustiam também a ponto de ela querer se livrar deles, mas, não consegue, uma vez que só “engordam”, como diz a menina.

Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje to achando que é a vontade de escrever. Já fiz de tudo pra me livrar delas. Adiantou? (Bojunga, 2002, p. 7).

Chamamos atenção para duas vontades a de ser garoto, uma vez que denuncia o silêncio imposto à mulher e a de ser escritora que nos sugere que a personagem tem consciência que pode escapar das imposições sociais através da escrita. Vale ressaltar que essa última é a vontade que permanece até o final da obra e a narradora já dar indícios disso, no início.

Faz tempo que eu tenho vontade de ser grande e de ser homem. Mas foi só no mês passado que a vontade de escrever deu pra crescer também. A coisa começou assim: Um dia fiquei pensando o que é que eu ia ser mais tarde. Resolvi que ia ser escritora. Então já fui fingindo que era. Só pra treinar. Comecei escrevendo umas cartas (BOJUNGA, 2001, p. 8).

Estas cartas são endereçadas a um amigo imaginário, André, e nelas conhecemos um pouco mais de Raquel e sua família. Vemos que são de classe média, que os irmãos são bem mais velhos que ela, como já dissemos anteriormente, o irmão está na faculdade, umas das irmãs trabalha e a outra que deve ser adolescente nem trabalha, nem estuda. Nesses escritos, vemos como a personagem principal tem sua privacidade invadida e que realmente não tem voz em seu lar, sua família até parece antagonista a menina. Outro fato curioso é que o primeiro amigo imaginário que ela cria é um homem

e dois anos mais velhos, esse dado corrobora com as vontades da menina e ao ser flagrada, pelo irmão, lendo a carta que André a escreveu ela fica em apuros, o irmão questiona o porquê de o amigo imaginário ser um menino e não menina, a explicação nos mostra a crítica da obra a sociedade da década de 70, momento em que o livro foi escrito.

[...] Meu irmão fez cara de gozação:

- E porque é que você inventou um amigo em vez de uma amiga?

- Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher.

Ele me olhou bem sério. De repente riu:

- No duro?

- É SIM. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear que fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que metera as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que – puxa vida! – vocês é que vão ter tudo. Até pra resolver casamento – então eu não vejo? – a gente fica esperando vocês resolverem as coisas pra gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina. (BOJUNGA, 2002, p. 12)

Apesar do irmão não ter dado tanta atenção ao desabafo da garota, para nós, leitores, ele é de suma importância, percebemos que os questionamentos e insatisfações de Raquel decorrem de sua criação e da inserção numa sociedade patriarcal, por isso a necessidade de ser homem. Verifica-se claramente que a menina fez uso de sua imaginação para burlar as impossibilidades de sua realidade, é o que acontece com o romance que ela vai escrever e com a “casa dos consertos” da qual falaremos mais adiante. Nesse momento, vale ressaltar que como defende Stuart Hall (2006) a identidade do sujeito está em construção, não é algo acabado “[...] a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada” (HALL, 2006, p.38-39). Nesse sentido, podemos dizer que as indagações e descobertas de Raquel estão formando sua identidade, por isso que duas de suas vontades desaparecem e só uma perdura.

Seguindo com a história, a nossa protagonista cria uma amiga imaginária Lorelai, depois de conversas com essa amiga e o desejo de fugir para o quintal, ela inicia a escrita de um romance, mas, num certo domingo ao esquecê-lo no quarto porque saiu às pressas para ir ao cinema, o texto foi encontrado e todos leram e zombaram muito de Raquel, foi então que ela, depois de se sentir humilhada, decidiu não mais escrever. Porém, os desejos “engordando” e o medo que os adultos vissem e rissem dela

novamente, fez com que ela precisasse de um lugar seguro para guardar suas vontades, é nesse momento que surge a bolsa amarela.

A tia Brunilda, personagem ainda não citada por nós, é rica e envia roupas e outros utensílios que ela não usa para a família de Raquel, mas nunca sobra nada pra menina, pois diziam que nada lhe servia, por ser criança, no entanto, uma vez a roupa usada e desgastada, “ajeitava daqui e dali” (BOJUNGA, 2002, p.19) e a roupa ficava para a garota. Um belo dia, o irmão chegou com um pacote enorme enviado por tia Brunilda, dentre as muitas peças estava uma bolsa que ninguém quis e por isso deram logo à Raquel.

Nesse acessório feminino, a garota encontrou a solução para esconder suas vontades. Nela, Raquel passou a guardar sua coleção de nomes, um alfinete de fralda e um guarda chuva, além do material escolar, pois a bolsa seguia com ela para todos os lugares, inclusive a escola. Não demorou muito, dois galos foram morar dentro da bolsa. O galo Afonso, o Alfinete de fralda, a Guarda chuva, o galo Terrível e até o Carretel de Linha Forte, que costurou o pensamento desse galo, são personagens secundários. Esses “habitantes” da Bolsa farão com que Raquel mergulhe em seu imaginário de criança e por alguns momentos esqueça-se dos problemas que a rodeiam.

Anteriormente, citamos a “casa dos consertos”, retomamos aqui para mostrar como seria a sociedade imaginada por Raquel. Com o guarda chuva quebrado, o Alfinete, amigo imaginário, informou a Raquel que na casa dos consertos tudo poderia ser consertado. Ao chegar ao local, a menina se depara com a estrutura da casa:

Entrei. A casa dos Consertos se dividia em quatro partes. Na primeira tinha uma menina assim da minha idade; na outra tinha um homem; na outra, uma mulher, e na outra um velho. A menina estava estudando, a mulher cozinhando, o homem consertando um relógio, o velho consertando uma panela (BOJUNGA, 2002, p. 80)

Ao perceber que todos exercem uma tarefa, ela observa um fato curioso, um relógio toca uma música ao bater à hora, todos param o que estão fazendo e começam a dançar e se divertir, de repente a música para e cada um assume uma posição diferente, dando continuidade ao trabalho que o outro estava fazendo. Raquel fica maravilhada, muito curiosa deseja saber quem é o chefe da casa, uma vez que tomando por base sua família, imagina que cada um tem seu papel, o chefe é do sexo masculino e os homens não podem cozinhar.

[...] Mas eu fiquei parada, querendo entender melhor a gente daquela casa. Apontei o homem: - Ele é o teu pai? - É. E aí ela apresentou os três: - Meu pai, minha mãe e meu avô. Eles me deram um sorriso legal, e eu cochichei

pra menina: - Por que é que ele ta cozinhando? Ela me olhou espantada: O quê? - Por que é que ele ta cozinhando e tua mãe soldando panela? (BOJUNGA, 2002, p. 83).

Nesse trecho, vemos a visão falocêntrica com a qual Raquel foi criada até que, assim como diz o capítulo em que está a narrativa da “Casa dos Consertos”, começasse a “pensar diferente”.

“Quem é que resolve as coisas? Quem é o chefe da casa? – Chefe? – É, o chefe da casa? Quem é? Teu pai ou teu avô?” (BOJUNGA, 2002, p. 84). Nessa conversa com Lorelai, amiga imaginária, moradora da “Casa dos Consertos”, é notório que Raquel começa a confrontar o modelo de comportamento de sua família com o da amiga e ao confrontar tais modelos, ela gradativamente vai mudando seu pensamento a respeito dos adultos, do convívio com a família e da vontade de ser garoto.

Logo, a leitura dessa novela por jovens leitores pode abrir uma série de discussões. Assim como Raquel se emancipa enquanto pessoa, ao atribuir significação ao texto, o leitor pode refletir sobre sua própria vida, porque, ao ver-se questionado pelo mundo ficcional, conjectura sobre seus valores internalizados e o que a sociedade preza. O leitor vê que a obra o transformou e, assim, emancipa-se.

Ainda vale esclarecer que ao burlar as contradições de sua realidade através da ficção, Raquel abre um leque de possibilidades de leitura para cada personagem criada por ela, cada situação e cada conserto realizado na obra, “consertando” assim as percepções de cada leitor. Logo, fica claro o motivo pelo qual a vontade de ser escritora suplantou todas as outras que ficaram tão “magrinhas” a ponto de virar papel e nossa protagonista delas fazer uma pipa.

Essa emancipação feminina vivida por Raquel em *A Bolsa Amarela* nos permite uma rica discussão em sala de aula. Sugestões a esse respeito serão dadas adiante. Agora, conheceremos outra personagem Bojungiiana que também se liberta das amarras da sociedade e planeja a vida futura de acordo com os seus desejos.

### **Na corda bamba da vida: oportunidade para crescimento e emancipação**

Com uma narrativa de linguagem acessível para o leitor juvenil, a obra *Corda Bamba* também foi premiada com o Hans Christian Andersen, em 1982 e recebeu da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil a láurea de “altamente recomendável para o jovem” em 1979.

A personagem dessa obra também tem dez anos, mas, vivencia experiências bem distintas das de Raquel. Maria é filha de Márcia e Marcelo, equilibristas de circo, assim como ela. Perde os pais num trágico acidente e como consequência vai morar com a avó, Dona Maria Cecília Mendonça de Melo, mulher de classe média alta, que julga comprar tudo com seu dinheiro. No entanto, assim como Raquel, Maria enfrenta os desafios diários com muita imaginação e busca no dia a dia superar seus medos e traumas.

A obra inicia com Barbuda e Foguinho, artistas do mesmo circo, levando Maria para a casa da avó materna. Fazia um mês que havia acontecido o acidente que matou os pais de Maria e desde então ela pouco falava e agia como se estivesse esquecido de tudo que vivenciara. Certamente, o leitor se pergunta como Maria, neta de uma mulher da sociedade, vivia em um circo. A emancipação feminina na obra *Corda Bamba* inicia com Márcia, mãe de Maria que ao conhecer Marcelo, decide se desvencilhar do jugo da mãe e vai com ele ser equilibrista de circo. A menina que cresceu com fartura de tudo, conhece o rapaz que viveu uma vida de escassez e para vivenciar esse amor, Márcia foi de encontro à mãe que tentou comprar Marcelo para que o romance fosse interrompido, mas, não conseguiu. Assim, nasceu nossa protagonista, em meio a um embate familiar, em principio longe da avó materna e com uma vida que sugere ao leitor ser de muita liberdade, uma vez que morava em um circo, universo de fantasia e beleza.

Mesmo não sendo o espaço objeto de estudo nesse artigo, vale salientar que o circo sugere ao leitor um rompimento da rigidez e do comportamento formal da sociedade. Ademais, é um espaço móvel que se adéqua a qualquer lugar, nos passa a ideia de liberdade e criatividade. Era esse o local de moradia, família e trabalho vivenciados por Maria que tem sua vida totalmente modificada, passando a residir em um apartamento fechado, no nono andar, em um bairro classe media alta, na cidade do Rio de Janeiro.

Na nova moradia, a menina é tolhida de sua criatividade e das vivências do circo, que a permitia o contato com classes sociais e identidades diversificadas. Isso pode ser percebido ainda no primeiro capítulo, o da chegada na casa da avó, pois Maria chega e está acontecendo o aniversário do menino Quico, neto do esposo de Dona Maria Cecília, todas as crianças ficam espantadas com a mulher barbada e o engolidor de fogo, ao verem que a garota carrega em suas mãos um arco enfeitado com flor de papel, questionam querendo saber qual a serventia, e assim acontece o diálogo:

[...] - Mas para que serve? Maria respondeu (sempre baixinho) ajeitando a flor: - Me ajuda na corda. Ninguém entendeu a resposta. Barbuda explicou: - A Maria trabalha com a gente lá no circo... Dona Maria Cecília Mendonça de Melo ia entrando na sala, e quando ouviu Barbuda falando, corrigiu logo: - Agora ela não trabalha em mais nada, agora ela vai ficar morando aqui comigo e só vai estudar e brincar [...] - Isso era antigamente, essa história de Maria trabalhar em circo já passou. (BOJUNGA, 1987, p. 13-14)

Apesar de as respostas parecerem que a avó está protegendo a neta, para nós sugere um apagamento da história de Maria, de suas experiências no circo, sua trajetória. No prosseguimento do diálogo, os meninos pedem para que a menina se equilibre na corda e a reação de Dona Maria corrobora com o que dissemos acima, “- Não, não, não! A minha casa não é circo! E Maria não é mais uma equilibrista!” (BOJUNGA, 1987, p. 14). Como as crianças não pararam de gritar, Dona Maria subiu em uma cadeira e em alto e bom som pediu para que se parassem com a algazarra e procurassem outra brincadeira. O não reconhecimento, dessa identidade de Maria, mostra todo o preconceito social que a avó tinha com a vida que a neta levava.

Entretanto, a angústia da protagonista não se dá apenas pela imobilidade e tolhimento de seus dotes artísticos, mas, também no plano da educação formal que se distancia da educação informal que a menina recebeu, enquanto não se adequa a nova vida, ela é confinada no apartamento da avó e começa a ter aulas particulares para compensar o atraso em relação aos estudos, nesse momento, percebemos que nada em relação ao conhecimento de mundo ou experiências trazidas por Maria são consideradas. A educação informal recebida no circo é totalmente descartada.

Mesmo reclusa no apartamento da avó, Maria encontra uma saída, pois assim como Raquel, através da imaginação a protagonista encontra uma ponte entre a vida atual e a vivida na época do circo, uma janela diferente se mostra a Maria, e de seu quarto ela consegue amarrar sua corda até essa janela. Corda que sugere ao leitor insegurança, podendo significar desafio a ser vencido ou impedimento para prosseguir o caminho. No entanto, ao atravessar a corda, Maria aproxima-se do circo e faz descobertas inacreditáveis sobre sua vida e de sua família.

Maria prestava tanta atenção pra se equilibrar direito, que não via apartamento passando, nem céu clareando, não via nada. [...] Quando pulou de novo pro quarto sentiu a perna bamba, a pele suada, o coração adoidado. Sentou. Respirou fundo. Lembrou de Quico, virou num susto. Ele dormia o sono solto. Lembrou das janelas dos apartamentos, olhou em volta. Tudo quieto; o sol já estava de fora mas ainda não se via ninguém. Olhou pro céu. Não tinha mais andorinha. E aí então, Maria se encostou na cadeira e suspirou satisfeita: “foi que nem lá no circo; bem alto!” Ficou quieta. Descansando. Pensando como tinha sido bom. [...] “ah, que pena! passei duas vezes na janela diferente, podia tão bem ter espiado lá pra dentro” [...] Mas já

estava na hora de todo mundo acordar. Amanhã. É: amanhã, na hora de sair pra passear, ela não ia esquecer de espiar. Pois é. Foi naquela hora que Maria resolveu que a corda ia ser o calçadão dela: todo o dia de manhã cedo ela ia sair pra passear. Sentiu o coração batendo emocionado. Até fechou o olho pra escutar melhor (BOJUNGA, 1987, p 47 - 48).

Percebemos a satisfação da menina ao aproximar-se de sua antiga vida e a partir dessas travessias pela corda, sempre nas madrugadas, ela conhece melhor a avó, compreende o poder do dinheiro, vendo que Dona Maria Cecília compra tudo, até gente; ela enxerga o encontro de seus pais, a princípio duas pessoas tão diferentes, com uma disparidade financeira enorme, no entanto, ao se olharem, se acharam tão parecidos e conseguiram vencer a desigualdade social existente entre eles. Maria Cecília, por sua vez, preferiu perder a filha a aceitar o casamento. E tudo isso foi descoberto por Maria em seus passeios, como ela mesma denominou.

Maria acordou na hora certinha: estava recém clareando [...] pegou o arco e saiu pro calçadão. Não sentiu mais medo, não tremeu nem nada. E foi achando tão bom lá em cima, o passeio, tudo, que quando viu já tinha passado a janela diferente [...] então deu macha-à- ré até chegar no andaime [...] e aí espiou de rabo de olho. Viu um rapaz deitado e se assustou [...] Maria pulou pro andaime [...] Parou. Fascinada. Mal podendo acreditar. O rapaz era igualzinho ao pai dela, só que mais moço [...] ouviu uma voz dizendo Oi! Acorda! E só de ouvir a voz, o coração deu um esbarrão no peito e ela toda se virou pra olhar. Tinha uma moça debruçada na janela, igualzinha a mãe dela (BOJUNGA, 1987, p. 63).

É a partir desse momento que ela começa a entender toda a sua história e cada dia desvenda um pouco mais daquilo que estava escondido em seu interior, abrindo as portas do inconsciente, ela se vê nascendo, depois aos quatros anos, aos sete e por fim na idade atual, nesse momento percebe que tem uma vida toda pela frente, “Ei Barbuda [...] lembrei de tudo, viu? de tudo. E agora todo dia eu lembro de novo um pouco. Pra ir acostumando, sabe?” (BOJUNGA, 1987, p. 122). A cada porta aberta, percebemos Maria se emancipando, elaborando o luto, se distanciando do mundo da avó. Mesmo que a sociedade valorize o dinheiro em detrimento de outros valores, não é o que acontece com nossa heroína, depois do encontro consigo mesma, ela viu que as riquezas eram irrelevantes e mesmo sua avó com tanto dinheiro, comprando inclusive pessoas, era uma pessoa carente da verdadeira afetividade. Sobre a corda a menina trilha um caminho de transformação.

De repente, Maria encontra uma porta de múltiplas cores, desconhecida, nunca vista antes no corredor por onde ela tanto passeava. Chega o momento de ela poder fazer suas escolhas, planejar, decidir qual rumo quer para sua vida.

E foi assim mesmo que Maria fez: de manhã cedinho saía de arco de Flor pra passear. Desembarcava no andaime, pulava pro corredor comprido, às vezes abria uma porta só, às vezes duas ou três, variava o jeito de acostumar. E acostumou [...] Até que um dia [...] ué que porta nova era aquela? Era uma porta diferente de tamanho e de feitio, diferente de pintura também: parecia que estavam experimentando uma porção de cor: tinha uma porção de pinceladas, cada uma de uma tinta. Maria abriu a porta bem devagar. Mas sem medo. Era um quarto vazio [...] Maria começou a passar muito tempo no quarto novo [...] O tempo vai passando, mais portas vão aparecendo, e Maria vai abrindo todas elas, e vai arrumando cada quarto[...] Num quarto ela bota o circo onde vai trabalhar; no outro ela gota o homem que ela vai gostar; no outro os que ela vai ter. Arruma, prepara, prepara: ela sabe que vai chegar o dia de poder *escolher* [grifo nosso] (BOJUNGA, 1987, p. 123).

Interessa nos muito a palavra escolha, uma vez que não foi sempre privilégio das mulheres realizarem suas próprias escolhas. Ao longo da história, vemos que ao gênero feminino era imposto o silêncio, a aceitação a tudo que lhes fosse imputado e a não permissividade de realizar escolhas. O lugar da mulher sempre foi restrito na sociedade, ademais ainda era vista como demônio de saias, na Idade Média, só tinha lugar no social como mãe, não tinha voz e eram reduzidas à função fálica<sup>2</sup> (DUBY, 1989). Essa dominação masculina e a ideia de mulher submissa ao homem perdurou por séculos. E, por vezes, ainda encontramos incutidas na cabeça de nossas crianças, jovens e adolescentes. Por isso, um trabalho com obras literárias que discutam tais questões se faz tão relevante.

Concebemos a leitura literária como primordial para a formação do leitor crítico e acreditamos no que Candido (1999) defende que a Literatura é humanizadora, confirma nossa humanidade e por isso nos faz refletir sobre nossa condição no mundo. Assim, a leitura das obras aqui analisadas, certamente, trará um debate profícuo, proporcionando um alargamento de fronteiras na imaginação dos alunos leitores.

### ***A Bolsa Amarela e Corda Bamba na sala de aula***

A iniciação a leitura geralmente se dá na infância, a escola é a grande responsável por inserir as crianças nesse mundo, para tanto tem uma gama de possibilidades através da Literatura Infantil, porém, sabemos que existe uma literatura que ainda persiste na visão pedagogizante, uma vez que na própria trajetória da

---

<sup>2</sup> Apesar de a discussão promovida pelo historiador Georges Duby, no texto em questão, referir-se mais ao silenciamento feminino, achamos por bem acrescentar essa função atribuída à mulher na Idade Média, a ponto do pesquisador nos informar que os homens tinham medo das mulheres, então, as desprezavam. Vale ressaltar que só eram perigosas as mulheres solitárias, as que não estavam sob o domínio dos homens. E a função fálica em suma trata-se de uma inferiorização atribuída à mulher uma vez que ela não tem o órgão sexual masculino.

Literatura Infanto-juvenil os livros produzidos para crianças apresentavam padrões de conduta a fim de facilitar a integração da criança na sociedade (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999).

Sendo assim, o livro para criança adquiriu, desde sua origem, uma função educadora, assumindo por vezes a finalidade pedagógica, pragmática. O texto acabou se revelando um manual de instruções, tomando o lugar da emissão adulta. De acordo com Zilberman (2003) esse é um dos motivos pelo qual a Literatura Infantil foi por muito tempo considerada menor, vista sem qualidade estética. No entanto, no cenário nacional, desde Monteiro Lobato, tem se produzido uma Literatura para crianças e jovens de excelente qualidade, Lobato em sua época promoveu o que podemos chamar de a “libertação do imaginário”, desde então temos excelentes escritores, mas, foi na década de setenta que a Literatura conheceu um dos maiores nomes da Literatura Infanto-juvenil contemporânea, conhecida como discípula de Lobato, Lygia Bojunga Nunes se destacou no cenário nacional com obras de excelente qualidade estética, visando à promoção de um leitor crítico e emancipado. Lobato inovou trazendo personagens infantis humanas e Bojunga aprimorou, apresentando os conflitos internos de tais personagens.

Por tudo isso, se faz necessário a inserção dessas leituras em sala de aula, com a finalidade de produzir debate e formar leitores do texto literário, pois como afirmamos anteriormente, esse texto deve ter um lugar preponderante na escola, em função de sua natureza específica e da estrutura de linguagem. A este respeito, Marisa Lajolo (1981, p.38) afirma:

É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um aspecto de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo a predictibilidade e ao estereotipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana

Essa interação subjetiva entre autor, leitor e obra, possibilita a criação de novos universos, estes são baseados ou inspirados na realidade da qual tanto o escritor quanto o leitor participa. Vale ressaltar que a linguagem literária assume aspectos de representação e demonstração do real, mas, também permite que as palavras possam ter vida própria com novas significações. Assim, sugerimos um trabalho em que seja oportunizada a leitura do texto completo e não apenas trechos para que haja uma discussão proveitosa.

Uma teoria que pode nortear o trabalho do professor em sala de aula é a teoria do efeito<sup>3</sup>, de Wolfgang Iser. É necessário ponderar que tanto o leitor quanto a obra estão submersos em horizontes que precisam se encontrar para que se obtenha a interação. A esses horizontes, os teóricos da Estética da Recepção nomearam de horizontes de expectativas, os quais incluem todas as convenções estéticas - ideológicas que possibilitam a recepção do texto, “uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se” (AGUIAR e BORDINI, 1988, p. 83).

Para tanto, o professor poderia utilizar como motivação, para posterior inserção de *A Bolsa Amarela* (2002), os seguintes questionamentos: por que uma menina haveria de desejar ser menino? Quem acredita que é melhor ser adulto que criança ou adolescente? Por quê? Alguém já escreveu histórias sobre sua vida? Essas perguntas seriam a porta de entrada para a apresentação do livro, além de preparar o leitor e instigar sua imaginação, pode observar-se quais as expectativas do discente ante a obra apresentada. Gostaríamos de salientar que o título da obra por si já sugere uma boa discussão, uma vez que apesar de a bolsa ser peça de grande relevância, só com a leitura do título o aluno não tem condições de imaginar a amplitude da obra.

Após esse primeiro debate o professor deve sugerir a leitura da narrativa, estipular uma data para discussão geral, mas, a cada semana essa leitura deve ser acompanhada, separar-se-ia um momento para saber em que capítulo cada aluno está, qual a percepção deles em relação ao que estão lendo, sabendo que o tempo de leitura é diferente para cada indivíduo, esse acompanhamento pode servir de estímulo para quem estiver mais atrasado ou ainda não estiver lendo<sup>4</sup>.

No dia marcado para a discussão de toda a obra, o professor deve ir preparado para abordar as questões sobre o feminino e como a mulher era vista pelas sociedades dos séculos passados, deve discutir as relações de gênero, retomar as questões iniciais e levantar outras<sup>5</sup>, uma vez que os alunos agora têm o conhecimento de toda a obra. Não

---

<sup>3</sup> Centra-se no leitor, se preocupa com a perspectiva das experiências vivenciadas por ele durante o ato da leitura. Sendo assim, o objeto de atenção da teoria do efeito é a interação entre texto e leitor (ISER, 1989).

<sup>4</sup> Ressaltamos que muitas são as possibilidades para o trabalho com a literatura em sala de aula, principalmente no âmbito da narrativa, estamos descrevendo uma delas.

<sup>5</sup> Outras sugestões de perguntas: Dentre as vontades que Raquel tem, qual é a que persiste? Por quê? Quanto a seus amigos, por que haveria de ter um galo que luta consigo mesmo para ter uma ideia a trabalhar? Por que será que o outro galo teve o pensamento costurado? E o que dizer da consciente subserviência das galinhas? E o democrático funcionamento da “Casa dos Consertos”? O que podemos

expomos em que série deve ser trabalhado o livro porque entendemos que a depender da abordagem que se queira dar, ele pode ser levado para turmas desde o fundamental até o médio e certamente encontrará espaço para uma emancipação dos leitores, assim como para ampliação de seus horizontes de expectativa.

Quanto a *Corda Bamba* a abordagem seria praticamente a mesma, como motivação iniciar-se-ia com alguns questionamentos, poderia começar sondando sobre o que sugere uma corda bamba, ver se as respostas dos alunos são mais subjetivas, ligadas a uma metaforização ou objetivas, pensando inclusive nos artistas de circo que se equilibram sobre a corda. Em seguida, apresentar-se-ia a obra. Faz-se relevante destacar que as perguntas elaboradas devem ser específicas para a obra literária que se deseja trabalhar e em relação ao livro de Bojunga acima citado, prepararíamos questões referentes aos temas abordados na análise trazida nesse artigo.

Tomando por base Cosson (2006)<sup>6</sup>, realizamos uma dinâmica muito interessante como motivação para a leitura da obra acima citada. Levamos para sala de aula uma corda, colocamos no chão, levamos uma venda para os olhos e desenhamos na lousa três portas, denominando as de porta do passado, presente e futuro. Em seguida, explicamos a turma que eles deveriam andar por aquela corda, como se ela estivesse suspensa, por isso vendamos os olhos de cada participante, não poderiam pisar fora, uma vez que se isso acontecesse morreriam, logo não continuariam vivenciando a experiência, para que a maioria participasse até o fim, os colegas contribuíram, sempre informando se estavam pisando corretamente, chegando ao final da corda deveriam compartilhar com a turma com quem encontraram se do outro lado<sup>7</sup>, logo após esse momento, deveriam abrir a porta do passado, depois a do presente e por fim a do futuro. Em cada porta aberta uma experiência foi compartilhada, a instrução era participar a turma o que do passado estava impedindo que houvesse progressão para decisões

---

entender dessa família que Raquel criou? Poderíamos sugerir muito mais, porém essas já demonstram em que linha de raciocínio o professor delinear sua aula.

<sup>6</sup> Nesse sentido, cumpre observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação. [...] Devemos observar, entretanto, que a aproximação dos alunos com a obra objeto da leitura literária feita pela motivação não precisa ser sempre de ordem temática, embora, essa seja a ligação mais usual. (COSSON, 2006, p.56)

<sup>7</sup> Essas informações foram dadas antes de iniciar a dinâmica, os discentes foram instruídos a mentalizar a pessoa que iriam encontrar do outro lado no início da travessia, tinha que ser alguém não visto a muito tempo, seja por não estar viva ou porque fora morar distante etc.

futuras e como isso afetava o presente. Ao final<sup>8</sup>, cada aluno (a) descreveu algumas metas para o futuro e como poderia se desvencilhar de alguns acontecimentos passados.

Assim, vivenciamos a obra, mesmo antes da leitura, depois, apresentamos o livro aos alunos e solicitamos que os discentes lessem para futuro debate. Possibilitar ao aluno um encontro com ele mesmo através das experiências representadas no texto deve ser um dos objetivos do ensino da Literatura, assim, podemos incentivar a criação de uma comunidade de leitores cuja experiência literária vá além do ambiente escolar.

### **Considerações Finais**

Procuramos refletir nessas poucas páginas a respeito da relevância da inserção da obra de Lygia Bojunga Nunes em sala de aula, uma vez que mesmo a escritora sendo bastante conhecida do meio acadêmico, infelizmente ainda está distante das salas da educação básica. Essa inserção pode promover uma transformação na mentalidade do aluno, pois os temas abordados, ainda, fazem parte da sociedade no século XXI.

Entendemos que não é tão simples abordar as questões sobre o feminino na educação básica, pois, geralmente quando se propõe discutir tais temas logo surge o rótulo de feminista, no entanto, é bom ponderar que para produção de tal debate não é necessário levantar bandeiras, mas, reparar injustiças e proporcionar ao jovem leitor o contato com os conceitos do movimento feminista e a trajetória vivenciada pela mulher até conquistar o seu lugar social.

### **Referências bibliográficas**

AGUIAR, Vera Texeira e BORDINI, Maria da Glória. *Literatura – A Formação do Leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

NUNES, Lygia Bojunga. *Corda Bamba*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Agir, 1987

\_\_\_\_\_. *A Bolsa Amarela*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002 (Coleção Literatura em minha casa)

CANDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. In: REMATE DE MALES – Revista Instituto da Linguagem – UNICAMP – Departamento de Teoria Literária: São Paulo, 1999.

---

<sup>8</sup> Essa experiência foi realizada no Campus VI da UEPB. A turma era pequena e todos puderam participar, reconhecemos que o grande sucesso da vivência se deu porque além da turma ser pequena, havia maturidade para uma discussão mais profunda. No entanto, com a devida adequação, acreditamos que pode ser levada a sala de aula da educação básica.

- COELHO, Nely Novaes. *Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil brasileira*. 5ª Ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DUBY, Georges. *Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: D P & A, 2006. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro
- LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1981. (coleção primeiros passos).
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3ª edição, São Paulo: Ática, 1999.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.